

EXPERIÊNCIAS FEMININAS DE MORAR SÓ NA VELHICE

Monique Borba Cerqueira*
Raimunda Silva d'Alencar**

Resumo. A feminização da velhice e o crescimento de lares unipessoais constituem um fenômeno cruzado, quando se examina o avanço do número de mulheres idosas que moram sós no país. A partir dos relatos de três mulheres, entre 79 e 86 anos, pretende-se discutir a relação entre as trajetórias e os estilos de vida de idosas que fizeram a opção por morar em lares unipessoais em grandes centros urbanos. Nesse estudo, foram explorados aspectos da rotina atual das informantes e seus modos de vida, visando compreender as interações cotidianas e os aspectos positivos e conflitivos de morar só.

Palavras-Chave: Velhice. Mulher. Lares unipessoais.

WOMEN'S EXPERIENCES OF LIVING ALONE IN OLD AGE

Abstract. The feminisation of old age and the growth of the person households constitute a crossover phenomenon when examining the advancement of the number of older women who live alone in the country. From the stories of three

* Bacharel em Ciências Sociais (UERJ), Mestre em Sociologia (UNICAMP), Doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais (Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC/SP), Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde – (SES/SP). *E-mail:* <monique@isaude.sp.gov.br>.

** Mestre em Sociologia Rural (UFRGS), Coordenadora e Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC, Ilhéus, BA.
E-mail: <r_alencar3@yahoo.com.br>.

women, between 79 and 86 years, we intend to discuss the relationship between paths and lifestyles of elderly women who made the choice to live in person households in major urban centers. In this study we explored aspects of the current routine of informants and their ways of life, to understand the everyday interactions and the positive aspects of living alone and conflicting.

Keywords: Old age. Women. Person households.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira tem evidenciado um processo em que o aumento do número de idosos e o tempo vivido por eles sinalizam importantes mudanças e repercussões sociais nas estruturas familiares e nas políticas públicas. Na atualidade, o envelhecimento impõe desafios ao Estado, ao mercado e às relações sociais. Trata-se de uma questão que tem mobilizado os setores responsáveis pela distribuição de renda, como a previdência social, as políticas de saúde, a habitação, a infraestrutura e os demais segmentos voltados para os problemas crescentes que atingem esse grupo populacional. Mas o envelhecimento também vem provocando a emergência de rearranjos socioculturais, daí a necessidade de se compreender a experiência existencial dos indivíduos no contexto da construção social do envelhecer.

Este artigo orienta-se a partir de um objeto de estudo que permite descrever processos singulares do envelhecimento no contexto da experiência contemporânea, ao debater valores, pensamentos, práticas e costumes que interrogam a velhice. A discussão aqui

proposta refere-se aos resultados preliminares de uma pesquisa qualitativa e descritiva em andamento, pautada em entrevistas semiestruturadas, cujo objetivo é reconstruir identidades e mundos sociais das informantes.

Temas como independência e liberdade, sintetizados na questão da autonomia dos idosos, fazem parte de uma pauta de debates importantes para a compreensão dos modos de envelhecer. Ano a ano tem aumentado a proporção de idosos que moram sozinhos, embora este cenário ainda seja pouco conhecido, o que estimula e torna oportunas as investigações sobre o tema. Segundo o contorno temático do objeto de pesquisa, morar sozinho pode ser o resultado de diferentes situações, como desenlaces, perda dos pais, inexistência de filhos, falecimento dos mesmos ou, ainda, um exercício autônomo e independente da vontade daqueles que são providos de recursos para o próprio sustento (CAMARGOS, 2007).

Tal contexto apresenta um recorte ainda mais apurado quando se toma como foco o envelhecimento feminino e o fenômeno do aumento do contingente de mulheres na população idosa, a chamada feminização da velhice. A relação entre idade e gênero impõe, ainda, mais desafios físicos, emocionais e econômicos para a mulher idosa que, diante de dificuldades individuais, cria estratégias pessoais de adaptação, na tentativa de minorar vulnerabilidades pessoais (SALGADO, 2002).

Este artigo procura descrever e analisar o cotidiano e as trajetórias de vida de pessoas da classe média, a partir dos depoimentos de três informantes,

mulheres com idades entre 79 e 86 anos, que moram sozinhas em grandes centros urbanos como São Paulo e Salvador. Ao narrarem suas biografias, elas permitiram a possibilidade de registro de pensamentos e fatos particulares de suas vidas que, de forma única, referem-se às suas trajetórias de vida. A diversidade e singularidade das experiências relatadas por cada uma das interlocutoras dá o tom do debate sobre a complexidade de fatores que envolvem lares unipessoais no contexto da velhice contemporânea.

2 **E ... E A VAIDADE**

Quem vê **E** pela primeira vez, jamais acertará a sua idade. Nascida em uma pequena cidade do sertão da Bahia, é do alto dos seus 79 anos que ostenta um toque de requinte na construção de sua aparência: a postura corporal ereta, corpo magro, roupas finas, jóias, maquiada, óculos escuros, penteado moderno (seu cabelo só é lavado no salão de cabeleireiro, local que frequenta com assiduidade).

Moradora do bairro da Pituba, **E** aproveita a brisa do mar nos dias quentes e refere-se ao seu apartamento como “um lugar agradável para se preservar do movimento estressante da cidade de Salvador” (2012). Preocupada em manter uma atividade física, anda diariamente no jardim de seu prédio ou na sala do próprio apartamento, após as refeições. Nunca gostou dos afazeres domésticos, por isso sempre teve empregada, o que, segundo ela, “é bom pra

tudo, principalmente para manter as mãos e unhas protegidas, longe dos produtos de limpeza” (2012). Diz apreciar a leitura, mas seu passatempo favorito é cuidar de si, “comprar um creme para a pele, uma roupa ou sapato, ir ao cabeleireiro, pintar as unhas, me sentir bem e bonita, apesar da idade” (2012).

E (2012) diz gostar do que é bom e bonito. Mais que isso, gosta de tudo aquilo que é aceito e prestigiado socialmente pela crescente classe média brasileira. Um bom exemplo disso são as viagens de transatlântico pela costa brasileira e o aumento do consumo de roteiros internacionais. Confessa que conhecer a Suíça e a Suécia foi a realização de um sonho, mas quando inquirida, não soube dizer porque gostou tanto desses lugares. No final do seu depoimento, ao comentar seu entusiasmo quanto às possibilidades oferecidas pelo turismo atual, revelou que na última viagem que fez à Europa, devido ao imenso roteiro a ser cumprido e às exigências físicas da aventura, ficou de cama, sob cuidados médicos, por cerca de um mês.

Ao falar sobre si, **E** (2012) diz, em tom imperativo, que quando tem que dizer uma verdade a alguém, fala na cara, não manda recado, o que faz estremecer as relações familiares e de amizade, pois seu temperamento forte não poupa ninguém. Ainda assim, diz ser querida por suas duas amigas mais próximas e fiéis, com quem divide suas preocupações e, frequentemente, seu lazer.

A coisa que eu mais gosto é ir ao shopping pra me-rendar uma xícara de café com leite e um pedaço

de torta. Faço isso duas ou três vezes por semana. De vez em quando, vou ao cinema, teatro e a bares mais chiques com as amigas (**E**, 2012).

E nunca se casou, mas teve um filho depois dos 40 anos. Desde que ele casou, em 2009, ela mora sozinha. O apartamento, segundo ela (2012), foi parte de uma conquista iniciada desde que veio estudar em Salvador, quando passou a trabalhar na Petrobras até a sua aposentadoria. O fato de morar sozinha não representou uma dificuldade.

Eu já estava acostumada a ter muita responsabilidade. A rotina não mudou muito, porque quem administrava a casa era eu mesma e eu sou muito organizada. Eu já era acostumada a ser autônoma. Eu me sinto bem, porque sempre fui independente. E a vantagem de morar sozinha é ter liberdade. Na hora que você precisa sair, você sai, tudo que você faz é sem ter que dar satisfação (**E**, 2012).

Quanto às desvantagens de morar só, diz: “pra tudo tem que ser você — decidir, dizer sim, dizer não, escolher isso ou aquilo —.” **E** (2012) acha que este é o outro lado da liberdade, a responsabilidade de “ter que acertar, sempre”, sem ter com quem dividir decisões ou compartilhar a sua rotina. Fala ainda de uma dificuldade maior que pode surgir morando só, a emergência de problemas de saúde: “Mas meu filho sempre me dá toda a assistência, e as amigas também” (**E**, 2012). Ela acredita que o envelhecimento não é sinônimo de doença, até porque diz ter sido “uma pessoa frágil a vida inteira” (**E**, 2012), mas não exatamente doente, apenas alguém

cujo corpo se ressentia com exageros de qualquer espécie. **E** lista seus principais problemas de saúde.

Má digestão, problemas no estômago e intestino, tenho um tipo de gastrite que me incomoda, por isso gosto de comida leve. Tomo remédio para pressão, colesterol e pra memória. Tenho osteoporose, mas o médico é muito bom e o tratamento controla a evolução da doença. O maior problema é o vascular, já fiz três cirurgias (2012).

É seguindo à risca as prescrições médicas dos melhores especialistas da cidade e desenvolvendo uma alimentação leve e balanceada que, **E** relata, supera os problemas, porém não sem grandes restrições alimentares e com repouso. A saúde é o vínculo necessário e indispensável às suas preocupações estéticas com o corpo magro e ágil.

A vaidade é seguidamente mencionada como algo que já nasceu com ela, um traço pessoal, incorporado a sua vida, parte do seu comportamento, um diferencial, algo que a faz viver muito melhor.

Envelhecer, para **E**, é um processo que se choca com o “universo das perfeições” buscado por ela.

Logo que eu cheguei aos 50 anos, a gente vai sentindo diferenças nos braços, vai alongando as mangas, sente diferença no pescoço e vai botando uma golinha mais alta, aí, se tem varizes, vai colocar uma calça, né? Porque eu sou muito vaidosa. E aí você vai encontrando muitas dificuldades com a velhice. Eu me considero uma pessoa muito bem tratada, bem cuidada. Faz parte da minha personalidade, me cuidar (**E**, 2012).

E demonstra conformidade com um padrão estético associado à juventude de modo a manipular os sinais da idade, uma vez que pertencer a um código de beleza aceitável e compartilhado socialmente exige a prevenção dos aspectos fisicamente negativos da velhice (ALVES, 2006). Ela revela, no conjunto de seus pensamentos e práticas cotidianas, que o corpo é um símbolo de status individual dentro de uma lógica em que a beleza transforma-se em sinônimo de juventude.

A linguagem dos trajes, os artefatos e os cuidados consigo mesma são tentativas de suavizar os chamados estereótipos da velhice. Este é o modo como **E** redimensiona seu lugar no mundo e sua identidade social. Ao mesmo tempo em que tenta domesticar e apagar o próprio envelhecimento, a sua ligação com a aparência expressa uma mensagem estética afirmativa do feminino, da beleza, dos ritos de mulher que dão sentido a sua vida (MOTTA, 1998).

Certamente, a indústria da moda, dos cosméticos e das cirurgias plásticas forçam a modelagem do corpo belo, saudável e sarado numa sociedade voraz quanto ao consumo de imagens esteticamente perfeitas. A velhice e os idosos não estão excluídos desta perspectiva, restando a eles diferentes formas de experimentar a nova moralidade que define os padrões sociais e estéticos atuais.

E se apropria do cuidado de si como estratégia de defesa da vida, como uma atitude legítima de quem é vítima dos estereótipos da velhice, tais como o sofrimento, a infelicidade e a proximidade da morte.

A sua visão de mundo altamente estetizada também é sinônimo de fortes anseios por status social. É assim que o corpo torna-se o elemento identitário afirmando o que é ser mulher, ao mesmo tempo que dá sinais distintivos de classe e posição social (BOURDIEU, 1983). **E** não quer nada menos do que beleza e *status*.

Ela diz que uma de suas maiores qualidades é ser “caridosa e solidária [, por isso] ama encontrar com pessoas que, como ela, gostam de fazer o bem (**E**, 2012). É nos ambientes socialmente elevados com gente bem vestida e culta que **E** gosta de compartilhar o “charme dos chás de caridade”. Mas para fazer parte desses grupos seletos, não basta estar entre eles, é preciso ser como eles. **E** se esforça e se espelha na beleza de mulheres muito mais velhas do que ela, mas que “sabem ser elegantes, bonitas e têm recursos para se cuidar” (2012).

3 **A** ... E O INTELLECTO

A tem 86 anos e vem de uma família de quatro filhos, da qual só ela não se casou. Faz questão de dizer que teve um grupo familiar “maravilhoso”.

A gente sempre se dava muito bem, não éramos ricos, mas tínhamos uma vida confortável. E hoje eu moro aqui e também tenho o meu cantinho, o meu apartamento. Hoje moro sozinha há quatorze anos (**A**, 2012).

A independência de **A**, moça do interior que veio

fazer a vida em São Paulo, mesmo tendo conquistado um lugar no mercado de trabalho e passando a morar em um lar unipessoal, após a morte dos pais, não fugiu à moral e aos costumes de época. Sua geração foi amplamente cerceada por valores que subtraíam a autonomia e as escolhas pessoais, pois a liberdade feminina estava longe de ser uma realidade.

Eu deveria ser dona total da minha vida, não tenho pai, mãe ou irmãos, mas eu sigo os métodos antigos. Eu nunca fui capaz de viajar com um namorado, mesmo quando jovem. Eu continuo nos meus padrões. É muito difícil mudar os padrões da gente, mas não critico ninguém, tenho até inveja de quem faz (A, 2012).

Mesmo presa a uma moral com normas de conduta rígidas, independência e liberdade são valores importantes no discurso e em todas as esferas da vida de A (2012): “Acho que dependo de alguém só na hora de uma necessidade de saúde. No resto, não.”

É com um tom de voz firme e entusiasmado que A se apresenta, sempre atenta e educada. Ela realiza todo o serviço doméstico, inclusive faz suas próprias refeições. Chama a atenção sua fala articulada, correta e a memória excelente. Diz que não precisa de oito horas de sono, dorme à meia-noite e acorda às sete horas da manhã, diariamente (A, 2012). Ao ser perguntada sobre o que representa envelhecer, responde:

Eu não sei definir muito bem o que significa envelhecer, porque eu tenho esse espírito mais alegre, falo alto, essas coisas... No meu íntimo, não vejo

mudanças. Então, pra mim, a vida é como sempre foi, vivida com alegria, com vontade de acordar todas as manhãs e cumprir a jornada do dia (A, 2012).

A resposta de A sobre o significado de envelhecer não atribui importância à imagem mitificada da velhice e suas limitações; ao contrário, seu discurso remete à perspectiva psicanalítica que defende a ideia de que o sujeito não envelhece, sendo a velhice um efeito dos discursos que existem sobre ela, assim como dos valores estereotipados e da existência de prescrições socioculturais de toda ordem (MUCIDA, 2004).

Nascida em Cananeia, interior de São Paulo, A estudou até o ginásio. Mais tarde, veio morar na capital, até começar a trabalhar na USP como escriturária, onde permaneceu até se aposentar. Define como algo marcante em sua vida o fato de ter trabalhado na Universidade de São Paulo, segundo ela, “um ambiente intelectualmente elevado” (A, 2012). Foi assim que se tornou uma leitora voraz, sendo atualmente assinante da Folha de São Paulo e de mais três revistas de grande circulação. Seu maior passatempo e seu prazer diários são a leitura e as palavras cruzadas. Por isso mesmo não aprecia a programação oferecida pela televisão. A é muito crítica e opinativa, não há assunto que não seja capaz de discutir. Temas como a política nacional estão entre os debatidos de forma apaixonada.

Ao passar grande parte do seu dia envolvida com atividades intelectuais, A criou um modo de vida cercado por uma atmosfera apropriada para o seu bem viver, que se traduz na aspiração por maior tranquilidade. A agitação e o alvoroço quebram o seu ritmo diário.

Eu gosto muito do silêncio que tenho hoje e me dou muito bem com ele. É muito bom não ter ninguém perturbando a gente. Ontem a minha sobrinha deixou os filhos aqui, 14 e 17 anos, aí revoluciona tudo, porque quer isso, quer aquilo e no fim eu fico tão cansada... Eu gosto muito de morar sozinha por causa do silêncio. É uma conquista (A, 2012).

A comemora quando fala de sua boa saúde, sempre repetindo “graças a Deus!”. Não gosta de ir ao médico, mas vai, especialmente, ao geriatra, em períodos mais curtos. O seu único e principal incômodo é o “bico de papagaio” que, segundo ela, é a herança por ter passado a vida inteira datilografando. “Não tenho mais nada de saúde. Minha pressão é 12 por 8, todos os exames são normais. Tenho saúde, graças a Deus!” (A, 2012)

Considera que a principal desvantagem de morar sozinha são os episódios de doença.

Porque se você fica doente, sozinha, é um problema. Agora, graças a Deus, tem a Yara (vizinha) que cuida bem da gente como se fosse da família. Minha sobrinha mora em Taboão. É longe. Ela fica preocupada, telefonando, mas isso, às vezes, não resolve. Quem vai ajudar, tem que estar aqui ou bem próximo daqui (A, 2012).

Nesse caso, segundo A (2012), o auxílio da vizinha é mais providencial do que o dado pelos parentes. Os laços de convivência e amizade com alguns moradores do prédio aonde reside tornam-se um vínculo de vital importância para que permaneça morando sem maiores preocupações num lar unipessoal.

4 **L ... NO DIA A DIA**

L é a primeira filha brasileira de uma família portuguesa. Nasceu em Pirajuí, interior de São Paulo. Seus pais tiveram oito filhos, mas todos já morreram. Tantas perdas, inclusive dos irmãos caçulas e de três jovens sobrinhos, constituem episódios que a fragilizam até hoje.

Ela fala carinhosamente da família: “A minha mãe e o meu pai me ensinaram a amar. Eu fui muito feliz” (**L**, 2012).

L tem 86 anos, é uma pessoa doce. Mas não possui tanta saúde quanto **A**, sua amiga e vizinha de apartamento. Há cerca de quatro anos, **L** vem cuidando de uma hepatite, sem saber que passara a maior parte de sua vida com a doença. Além disso, agravaram-se os seus problemas de visão e audição, embora ela consiga manter uma rotina parcialmente independente.

Antes de ficar doente, eu sempre vivi e fiz as minhas coisas. Nunca pedi nada pra ninguém. Mudou tudo porque não posso ler, não enxergo. Estou ouvindo menos e com uma série de problemas. De manhã, eu levanto, tomo café e me deito mais um pouco, no máximo, meia hora. Depois levanto, ando um pouco e tomo banho. Ai, almoço e, à tarde, vejo o jornal na TV e, às vezes, saio, mas saio pouco, por aqui mesmo, pra dar uma caminhada, mas não é todo dia. Tem dia que tô fraca, as pernas doem. À noite, eu fico aqui, vejo televisão, vejo até essas novelas horrorosas que a Globo passa. Vejo as novelas, apago a televisão, faço minhas orações todo dia, tomo um cafezinho e vou dormir. [...] Agora, eu tenho uma

empregada que não dorme em minha casa. É que eu não consigo mais fazer e manter as coisas, deixar a casa limpa e fazer a comida. Mas antes eu fazia tudo, lavava, passava, cozinhava, ia ao banco, à escola, eu fazia tudo (L, 2012).

L diz lidar mal com as doenças, não gosta de médicos, mas diz: “O que ele mandar, eu faço” (2012). O surgimento de um problema em seu braço e mão direita a impede de segurar com firmeza os objetos e de escrever, inclusive, de assinar o seu nome. Atualmente, depende cada vez mais da ajuda da empregada e dos vizinhos para atividades como dar uma caminhada na rua, ir ao supermercado, ao banco, dentre outras.

Mesmo com dificuldades de audição e de visão, durante as gravações das entrevistas, L estava sempre entusiasmada, disposta a rever e falar sobre sua trajetória. Sua fala mansa e bem coordenada localizava os principais acontecimentos de sua vida com emoção e sensibilidade.

Ao contrário de muitas moças solteiras de sua geração, L não viveu em regime de celibato. Durante o trabalho de campo, soube que L foi uma moça linda, inteligente e muito sedutora.

Eu tive muitos namorados, como algumas pessoas têm, mas nunca quis me casar. Eu fui noiva quatro vezes. O último era de família italiana e a avó dele veio da Itália para o casamento. Mas dois meses antes, eu terminei. Eu vi que não podia viver com uma pessoa, vi que não tinha vocação para o casamento (L, 2012).

L estudou até a quinta série em colégio de freiras.

Formou-se contadora e professora, após estudar no Colégio Americano, dirigido por canadenses, quando ainda morava no interior de São Paulo. Após o término do período de estudos, veio para a capital com a família.

Perdi minha mãe e meu pai e passei a viver só. Moro só, mas eu não sou só. Eu tenho os meus sobrinhos. Eles me amam e eu também os amo muito (**L**, 2012).

L mora sozinha, em São Paulo, há cerca de 40 anos. Diz que a maior vantagem de morar sozinha é ser livre.

Bom, as vantagens são assim, você fechou a porta, você é livre, faz o que você quer. Se a gente é livre, faz o que quer, recebe quem quer. Se tem fome, come. Se não quiser fazer comida, não faz, compra pronto. Se tá com sono, dorme. Você faz tudo, porque é livre. A gente é livre, não tem que suportar nada nem ninguém que não queira, porque é livre. Depois da saúde, a liberdade é a melhor coisa da vida. E morar só dá uma grande liberdade às pessoas (**L**, 2012).

L acredita que as vantagens de morar sozinha não se comparam com as desvantagens. Pensa ainda que a necessidade de recorrer a outras pessoas no caso de um problema de saúde, como parentes e amigos, também pode ocorrer em lares compartilhados por casais e famílias com um número maior de pessoas.

Ainda que **L** seja uma entusiasta pela vida em lares unipessoais, é inegável que a sua situação de saúde a coloca em condição cada vez mais vulnerável. Seguindo uma vizinha, a família já pensa em levá-la para uma casa de repouso. Por enquanto, **L** continua vivendo cada dia, no aconchego do seu belo apartamento.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

E, A e L são mulheres que se diferenciam de sua geração pelo fato de terem trabalhado fora a vida inteira, conquistado a sua independência econômica, sobretudo, sem ter contraído matrimônio num período em que o casamento era o passaporte exclusivo para afirmar a identidade feminina de mãe e esposa, sendo o único domínio capaz de conferir reconhecimento social à mulher. E fizeram isso num contexto, em que mulheres idosas, ao longo da vida, foram submetidas a fragilidades, desde as desigualdades sociais próprias da sociedade brasileira até as de gênero. Além das perdas no contexto social, é fato que o envelhecimento marca o corpo feminino, afastando-o dos padrões dominantes de beleza, erotismo e sensualidade atribuídos às mulheres de um modo muito mais acentuado do que aos homens. Assim, cabe às mulheres um fardo de opressões mais complexo e pesado.

A velhice feminina sugere dinâmicas e dilemas difíceis e singulares, mas trabalhar a perspectiva da “ausência de modelos prescritivos do ser velha” (CABRAL, 2005) impõe também uma abertura de perspectivas e o reconhecimento de que os limites e as perdas no processo da vida não são próprios ou específicos dessa etapa da vida, embora tenham consequências diversificadas nesse momento, principalmente quanto à superação de obstáculos.

No mundo contemporâneo, com o aumento da longevidade feminina e das mudanças provocadas pelo processo do envelhecimento, com importantes

transformações dos modos de vida na velhice, morar só vem sendo mais do que um aprendizado para gerações cujas experiências menos transformadoras não deixaram de constituir um desafio de liberdade, de pertencer-se, libertar-se.

Para **E**, **A** e **L**, a qualidade dos laços familiares foi determinante para o período posterior de conquista de independência. Mesmo que nenhuma das entrevistadas tenha curso universitário, todas tiveram acesso à educação formal até o antigo ginásio ou ensino médio, o que representa alto nível de escolaridade, em se tratando de mulheres que nasceram até meados da década de trinta do século passado.

As entrevistadas pertencem às camadas médias urbanas, compartilhando não apenas uma visão de mundo e valores comuns, mas também uma situação financeira estável, por possuírem aposentadoria e casa própria — fruto de anos de vida independente dedicados ao trabalho.

Segundo a literatura, são os elementos associados às condições socioeconômicas e à situação de saúde os principais fatores que determinam a escolha e permanência dos idosos em lares unipessoais (FERREIRA, 2001; CAMARGOS, 2008; SANTOS et al., 2010). Tal afirmação se confirma no caso das entrevistadas, uma vez que todas possuem uma vida economicamente estável e procuram se precaver nos episódios de doença mais severos, acionando a ajuda externa para evitar situações que possam desestabilizar sua rotina. Tal quadro implica necessariamente uma maior presença de amigos ou parentes até a superação das dificuldades, o que demonstra o papel

central das relações sociais — apoio da família, amigos, vizinhos e outras redes sociais. Para além das condições físicas e materiais, morar só é uma atitude de coragem, de abertura para o futuro e de extrema autoconfiança.

Todas as entrevistadas creem em Deus, são católicas, oram diariamente, sendo que a religião possui um papel determinante, seja no sentido da integração e administração dos conflitos e dificuldades pessoais, seja como mecanismo que favorece a manutenção de vínculos sociais.

De uma forma geral, a situação de saúde das entrevistadas é estável, exceto o caso de **L** que requer cuidados de terceiros com relação à manutenção da rotina doméstica (cozinhar, lavar e passar). No tocante à atividade física diária, todas praticam a caminhada, cada uma segundo suas possibilidades, dentro ou fora de casa. A relação com médicos e serviços assistenciais expressam a manutenção de tratamentos e a preocupação com os cuidados de saúde.

A idade avançada das entrevistadas faz com que se vejam permanentemente envolvidas com situações de perda — morte de parentes e amigos — cujo impacto emocional não é menor que a diminuição de vínculos e o aumento do isolamento (UCHÔA et al., 2002). O significado do envelhecer passa a ser cada vez mais associado à proximidade da morte, embora viver o presente, “um dia de cada vez”, seja um discurso comum e represente uma leitura sábia da vida explicitada por elas.

Por se tratar de um estudo com três mulheres que nunca se casaram, os filhos, principal apoio no período

de envelhecimento dos pais, são substituídos por sobrinhos, cunhadas, vizinhos, à exceção de **E**, que tem no filho seu suporte principal. Após o falecimento de irmãs e amigos mais próximos, a figura do vizinho, pela proximidade espacial com o idoso, pode ocupar um papel central na rede social que apoia o indivíduo nesta fase da vida (SANTOS et al., 2010).

À semelhança de outros estudos (CAMARGOS et al., 2007), todas as entrevistadas consideraram haver mais vantagens do que desvantagens por morar sozinha. Britto da Motta (2000) lembra que morar só não traduz abandono familiar, da mesma forma que morar com a família não significa ou garante afeto e apoio. Para as mulheres que participaram deste estudo, morar só, na idade adulta, não apenas representou uma importante transformação em termos de amadurecimento e de aquisição de novas responsabilidades, como também foi uma conquista de bem-estar e um marco pessoal de independência na vida. Esta, juntamente com a liberdade e a autonomia, é a vantagem da moradia unipessoal, também identificada em estudos similares (SANTOS et al., 2010).

Possivelmente, morar só implicará cada vez mais uma atitude de reinvenção pessoal, uma opção por qualidade de vida e autossuficiência de homens e mulheres jovens e velhos desta e das próximas gerações.

REFERÊNCIAS

A. **Projeto de Pesquisa Mulheres Idosas que Moram Sozinhas**: inédito. Ilhéus, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Monique Borba Cerqueira e Raimunda Silva d'Alencar, Salvador, jan. 2012, para o Projeto de Pesquisa Mulheres Idosas que Moram Sozinhas, Núcleo de Estudos do Envelhecimento, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2012.

ALVES, A. M. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, M. (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOURDIEU, P. Gosto de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

CABRAL, B. E. L. Mulher e velhice. In: MOTTA, A. B.; AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. (org.) **Reparando a falta**: dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Salvador: UFBA: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005.

CAMARGOS, M. C. S. **Enfim só**: um olhar sobre o universo de pessoas idosas que moram sozinhas no município de Belo Horizonte (MG). 2007. Tese (Doutorado em Demografia)– Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CAMARGOS, M. C. S.; MACHADO, C. J.; RODRIGUES, R. N. A relação entre renda e morar sozinho para idosos paulistanos, 2000. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2007.

E. Projeto de Pesquisa Mulheres Idosas que Moram Sozinhas: inédito. Ilhéus, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Monique Borba Cerqueira e Raimunda Silva d'Alencar, Salvador, jan. 2012, para o Projeto de Pesquisa Mulheres Idosas que Moram Sozinhas, Núcleo de Estudos do Envelhecimento, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2012.

FERREIRA; F. P. M. **Estrutura domiciliar e localização:** um estudo dos domicílios com idosos em Belo Horizonte. 2001. Tese (Doutorado em Demografia)– Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

L. Projeto de Pesquisa Mulheres Idosas que Moram Sozinhas: inédito. Ilhéus, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Monique Borba Cerqueira e Raimunda Silva d'Alencar, Salvador, jan. 2012, para o Projeto de Pesquisa Mulheres Idosas que Moram Sozinhas, Núcleo de Estudos do Envelhecimento, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2012.

MOTTA, A. B da. Relações de família dos mais idosos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 24., 2000, Petrópolis. **Programa e resumos...** Petrópolis, [s.n.], 2000.

MOTTA, F. M. **Velha é a vovozinha**. Identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**. São Paulo: Autêntica, 2004.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p.7-19, 2002.

SANTOS, D. F.; TOMAZZONI, A. M. R.; LODOVICI, F. M. M; MEDEIROS, S. A. R. A arte de morar só e ser feliz na velhice. **Caderno Temático Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 8, p.109-123, nov. 2010.

UCHÔA, E.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: Minayo M. C. S.; COIMBRA JR., C. J. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

Recebido em maio de 2012.

Aprovado em dezembro de 2012.